

Recebido em 24/12/2021 e aprovado em 24/02/2022

JORNADAS PELO CEMITÉRIO MUNICIPAL DE ROLÂNDIA – PR: OS CONCEITOS DE MICHEL DE CERTEAU E A CULTURA MATERIAL PRESENTE NOS CEMITÉRIOS

Danilo de Longhi Tessaro¹

Resumo: Que histórias um cemitério pode conter? Como conhecer uma cidade, suas identidades e memórias por meio de um cemitério? De que maneiras a morte ganha vida quando caminhamos pelo cemitério? Esse artigo busca fazer uma análise dos elementos religiosos e culturais presentes nos túmulos de imigrantes e descendentes de japoneses no cemitério municipal de Rolândia, no norte do Paraná. Como pano de fundo para confecção desse artigo, recorreremos ao texto "Caminhadas pela Cidade" de Michel de Certeau (1998). Isso se deve ao fato de compreendermos o cemitério como um reflexo da cidade e dos grupos que a compõem. Assim, por meio de três casos que encontramos no cemitério de Rolândia, iremos demonstrar como trabalhar os conceitos de representação, apropriação, tática e estratégia abordados por Certeau em seu livro. Para explicar esses conceitos de forma clara, recorreremos a um aparato teórico sobre a história da imigração japonesa no Brasil, utilizando autores como Jeffrey Lesser (2001), Rafael Shoji (2002), Richard Gonçalves André (2011), Frank Usarski (2016) e outros.

Palavra-chave: Michel de Certeau. Cemitério. Japoneses.

JOURNEYS THROUGH THE MUNICIPAL CEMETERY OF ROLÂNDIA – PR: THE CONCEPTS OF MICHEL DE CERTEAU AND THE MATERIAL CULTURE PRESENT IN THE CEMETERIES

Abstract: What stories may a cemetery hold? How to learn about a city, its identities, and memories through a cemetery? In which ways does death come alive when we walk through cemeteries? This article seeks to make an analysis of the religious and cultural elements existent in the tombs of both Japanese immigrants and descendants in the municipal cemetery of Rolândia, in the north of Paraná. As a background to write this article we resort to the text "Walking in the City" by Michel de Certeau (1998). This is due to the fact that we acknowledge the cemetery as a reflection of the city and the groups that compose it. Thus, through three cases that we identified in the Rolândia cemetery, we will demonstrate how to work with the concepts of representation, appropriation, tactics, and strategy addressed by Certeau in

his book. To explain these concepts clearly, we will resort to a theoretical framework on the history of Japanese immigration in Brazil, working with authors such as Jeffrey Lesser (2001), Rafael Shoji (2002), Richard Gonçalves André (2011), Frank Usarski (2016) and others.

Keywords: Michel de Certeau. Cemetery. Japanese.

1. Introdução

As pesquisas na área de história voltada para os cemitérios estão ganhando novos adeptos nos últimos anos. Apesar de no contexto Internacional esses trabalhos estarem sendo desenvolvidos há mais tempo, no contexto brasileiro elas não ocorrem na mesma frequência encontrando grandes desafios ao serem elaborados. Muitas dificuldades estão surgindo para os historiadores que dedicam seu tempo aos estudos sob o cemitério. O primeiro deles é referente ao crescimento desenfreado das cidades provocado pelo súbito crescimento populacional. Tal fator tem sido responsável pelo esgotamento do espaço cemiterial para novos sepultamentos, obrigando a administração municipal de cada município a propor soluções frente a essas demandas.

Na região norte do Paraná, Londrina é o município que mais vem sofrendo com esse problema. Essa questão é muito bem explorada por Gabriela Cubaski Sala (2019), demonstrando que devido à falta de espaço nos cemitérios municipais e à demora para disponibilizar um novo espaço, a solução encontrada por moradores e autoridades foi a de realizar sepultamentos no cemitério do Heimtal, fazendo com que este perdesse sua característica étnica (SALA, 2019, p. 40-41). Tal empecilho foi vivenciado na cidade de Rolândia, a solução encontrada pela administração foi o de arrancar as sepulturas que considerava abandonadas, pelo menos até que o novo cemitério fosse devidamente licitado (PREFEITURA DE ROLÂNDIA, 2014).

Como mencionado nos casos de Londrina e Rolândia, a degradação do patrimônio cultural presente nos cemitérios parece não ser só um fenômeno regional, mas sim nacional. Ela atinge principalmente os grandes centros

urbanos e cidades que não apresentam uma política de preservação de sua memória. Ou seja, lidar com essas questões tem sido um dos grandes desafios desses historiadores na contemporaneidade.

Um exemplo da destruição desse patrimônio histórico é a discussão feita por Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho (2013). Em seu artigo a autora traz reflexões pertinentes sobre o gerenciamento do acervo tumular presente nos cemitérios da comunidade São José em Porto Alegre - RS, apontando para o problema dos cemitérios da comunidade. De acordo com a autora, os terrenos correspondentes aos dois cemitérios da comunidade foram vendidos para uma administradora para a construção de um crematório e um estacionamento no local (CARVALHO, 2013, p. 1837). Nesse processo, os túmulos locais são demolidos e os restos mortais exumados, e entregues aos familiares ou removidos para jazigos de parede. O mesmo acontece com os artefatos tumulares, que se caso não levados pelos parentes são deixados em um canto do cemitério. Segundo a autora, essa perda relevante da carga simbólica e escultória do cemitério é um grande problema, uma vez que, no seu entendimento, os cemitérios funcionam como agentes fortalecedores da identidade de uma comunidade ou grupo étnico, pois é um local de culto memorial e aos antepassados (CARVALHO, 2013, p. 1840)².

Como já mencionado, apesar de termos apresentado dois casos, esse problema com a superlotação dos cemitérios parece se estender para boa parte do país, principalmente em grandes cidades ou centros metropolitanos. Contudo, a solução encontrada pelos órgãos administrativos varia de local para local, e na maioria das vezes elas acabam acarretando em uma perda cultural e simbólica gigantesca. Nesse sentido o caso de Rolândia não é diferente.

Desde meados de 2011 o cemitério municipal de Rolândia encontra-se com o espaço para sepultamentos esgotado. De imediato, a solução proposta pela administração municipal foi pela aquisição de um terreno para criação de um novo cemitério. Porém, com a demora para compra e posteriormente pela construção e licitação desse novo cemitério (Parque das

Hortênsias), o problema foi se agravando. Foi a partir desse momento que os órgãos administrativos do cemitério começaram a optar pela exumação dos corpos arrancando os túmulos que consideravam estar em estado de abandono. Esse processo funcionou da seguinte forma: o sepulcro considerado abandonado foi marcado com um "X"; após isso os familiares foram notificados para que realizassem a reforma no prazo dado pela legislação³. Caso a família não realizasse a reforma no prazo previsto, a administração retiraria os restos mortais do indivíduo para arrancar o túmulo, abrindo espaço para um novo sepultamento.

Para tentarmos explicar os desdobramentos desse problema fundamental, teremos que recorrer a outros métodos de análise da cultura material além daquelas usualmente utilizadas pelos historiadores desse ramo⁴. Para compreensão dos processos que estão ocorrendo no Cemitério São Pedro de Rolândia, recorreremos aos pressupostos de dois autores importantíssimos no campo da História. Deste modo utilizaremos a noção de apropriação e representação de Michael de Certeau (1998), pensando o cemitério como um reflexo da cidade que o compõe.

2. Representação e Apropriação

Diante das marcações e das notificações para regularização dos túmulos, muitos estão passando pelo processo de reforma, ganhando novos elementos culturais e significados diferentes dos que eram professados pelos indivíduos que estão ali sepultados. Esse é um processo mais nítido nessa categoria de sepultura, sejam elas reformadas por conta da notificação quanto por iniciativa pessoal dos familiares do falecido.

Os túmulos arrancados e que posteriormente dão lugar a um novo sepultamento, também passam por esse processo de resignificação. Porém, ele é diferente da dinâmica dos reformados. Nesses casos estamos diante de uma perda cultural e simbólica que dá lugar há outros tipos de valores, esses mais vinculados à sociedade contemporânea. No cemitério Municipal de Rolândia é possível presenciarmos os dois casos aqui mencionados. Contudo, para este artigo, ficaremos restritos ao primeiro por ser uma forma mais

tranquila de pensarmos novas metodologias de análise para além daquelas mais usuais.

Para realizarmos essa tarefa recorreremos aos conceitos de representação e de apropriação de Michel de Certeau (1998) para pensarmos os túmulos que passaram por esse processo de ressignificação. Neste texto, vamos trabalhar os referidos conceitos a partir do texto *Caminhadas pela Cidade*, que está no capítulo VII de seu livro *A Invenção do Cotidiano*. A escolha por tal texto diz a respeito de nossa fonte, o cemitério, pensado a partir do reflexo da cidade a qual está integrado. É a partir dessa comparação cidade-cemitério que trabalharemos nossa proposta.

Nesta obra Certeau e seus colaboradores fazem um balanço das práticas culturais cotidianas, chamando a atenção para a dimensão criativa do ser humano. Sob essa dimensão humana, Michel de Certeau tenta fazer uma reflexão sob práticas e "modos de fazer" das pessoas comuns durante o dia a dia, mencionando como esses indivíduos criam táticas, recriam e se apropriam das regras impostas, pela ordem econômica e social vigente. Tais práticas podem ser facilmente verificadas por meio do espaço em questão inseridas, pela linguagem, crença e outras (PEREIRA; MACHINI, 2016).

O autor que tomamos como referência nasceu em 1925 em uma cidade chamada Chambéry, na região de Audéncia-Ródano-Alpes, próxima da fronteira com a Itália. De formação jesuíta, o historiador e antropólogo francês dedicou-se durante sua vida aos estudos ligados a Psicologia, a Filosofia e as Ciências Sociais. Certeau veio a falecer em 1986 na cidade de Paris (BRANDIM, 2010, p. 135). Sua vasta produção acadêmica abarca diversos campos das ciências humanas, realizando estudos nas áreas de História, Antropologia, Psicologia, Ciências Sociais, Filosofia, Linguística, Teologia, entre outras. O seu livro *A Invenção do Cotidiano*, nossa base teórica, é um reflexo desses saberes que Certeau desenvolveu ao longo de sua jornada. A obra em si é fruto de um projeto que desenvolveu com Luce Giard (historiadora das Ciências e da Religião) e Pierre Mayol (seu aluno), durante os anos de 1974 e 1977, tendo sido publicado oficialmente em 1980 (PEREIRA; MACHINI, 2016).

Ao longo de toda a primeira parte do livro, o autor se preocupa em diferenciar os conceitos que propõe. Ao todo são quatro conceitos (Representação, Apropriação, Táticas e Estratégias) essenciais para compreensão de sua teoria. O primeiro deles é a noção de representação. De acordo com Certeau, esse conceito está ligado com as formas com que as pessoas expressão suas identidades e valores culturais e religiosos. O mais importante que o autor coloca para entendermos sua teoria é de que as representações são expressas por meio de signos, sejam eles da linguagem verbal, imagética ou musical. É por meio dessas expressões que podemos notar que as representações são um campo de constantes disputas pelo poder político, cultural, social e econômico por diferentes grupos. Nas cidades assim como nos cemitérios percebemos isso nitidamente. No caso das cidades isso pode ser explicado por meio de sua divisão em diferentes áreas. No centro vivem as pessoas de maior influência e poder aquisitivo, ao passo que as áreas periféricas são compostas por pessoas de baixa renda e lotes de menor valor.

Nos cemitérios isso não é muito diferente. Nesse caso devemos pensar no valor econômico empregado para a construção dos sepulcros. Os jazigos familiares com mais ornamentos como estuários de bronze ou mármore, fotografias, sepulcros em forma de capela entre outros adereços são exemplos de representações do poder político e econômico que uma determinada família exerce ou exerceu na cidade. Ao passo que as sepulturas mais simples, onde encontramos somente um indivíduo sepultado, contendo poucos ou nenhum tipo de adereço e o material empregado em sua construção é de menor valor podem representar o lugar que aquele indivíduo ou seu fruto social ocupa em determinada cidade.

A forma como descrevemos os sepulcros de famílias mais e menos abastadas de uma cidade está de acordo com o segundo conceito proposto por Michel de Certeau. No caso estávamos realizando uma pequena leitura e interpretação da linguagem simbólica que encontramos no cemitério. O conceito de apropriação descrito pelo autor, nada mais é, dizendo a grosso modo, do que o ato de leitura, interpretação e recepção das representações.

Devemos mencionar que esse ato de leitura não pode ser controlado. Certeau fala em apropriação selvagem, na qual não se tem controle da forma com que os indivíduos irão ler e interpretar esses símbolos. O exemplo mais claro utilizado por ele para esse conceito é o das apropriações feita pelos pedestres ao andarem pelas ruas da cidade. As ruas seguem uma lógica, e o projetista ao desenhar as ruas espera que os pedestres sigam o que foi projetado no papel.

Contudo, podemos ver que os pedestres não seguem a lógica representada no papel. O ato de caminhar é próprio de cada sujeito, e dificilmente segue o que foi pensado pelo engenheiro ou projetista. Isso pode ser verificado pelo caminho realizado por um indivíduo para chegar mais cedo a determinado lugar. Para fazer com que isso aconteça ele pode se utilizar de um espaço vazio, um terreno baldio no caso, para cortar caminho e assim quebra a lógica pensada para a cidade e para os pedestres. Nas palavras do autor:

Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de "operações" ("maneiras de fazer"), a "uma outra espacialidade" (uma experiência "antropológica", poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (CERTEAU, 1998, p. 172).

Seguindo com o conceito de apropriação, demonstrando as diversidades da cidade vista de baixo, Certeau descreve as formas que um sujeito capta e altera o espaço em sua volta. Ele faz isso demonstrando com o ato de caminhar por uma cidade planejada está sujeito a diversas alterações por parte dos pedestres. Vejamos:

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o speech act) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função "enunciativa": é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma realização espacial do lugar (assim como o ato da palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica relações entre posições diferenciadas, ou seja, "contratos" pragmáticos sob a

forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é "alocução", "coloca o outro em face" do locutor e põe em jogo contratos entre locutores). O ato de caminhar parece portanto encontrar uma primeira definição com o espaço de enunciação (CERTEAU, 1998, p. 177).

Por meio dessa colocação é possível verificar o que Certeau nos diz sobre o ato de caminhar pela cidade. Segundo ele, esse ato está sujeito a diversas alterações, mudanças, cortes de caminho, atalhos e tudo mais que deixe de seguir o padrão da cidade planejada. Ou seja, o pedestre faz uma leitura dos caminhos disponíveis, se apropriando dos espaços ao seu redor. A partir disso ele ressignifica esse espaço à medida que encontra outros meios mais eficientes para caminhar além daquele que foi planejado (aqui nos referimos aos cortes de caminho, atalhos, modos diferentes de compreender o espaço planejado e etc.), criando sua própria representação de caminho e do ato de caminhar. Neste sentido, fica evidente que todo leitor é um autor também. Nas palavras do autor:

Em primeiro lugar, se é verdade que existe uma ordem especial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza alguma delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixa de lado elementos espaciais [...] E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios) e dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Seleciona portanto. "O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo" (CERTEAU, 1998, p 177-178).

Abordando o cemitério como reflexo da cidade podemos pensar em uma série de questões. A primeira delas é referente ao espaço cemiterial pensado como um local de representação simbólica das crenças e valores culturais dos vivos, e não somente daquilo que era partilhado em vida pelos sepultados. Nesse sentido, são os vivos que falam pelos mortos na medida em que esses, ao prestarem suas homenagens aos que se foram, tentam expor a

crenças e valores de seus familiares que partiram desse mundo, ou até mesmo suas próprias crenças.

Outra questão importante diz a respeito da passagem do próprio tempo. À medida que os anos vão passando, os sepulcros estão sujeitos a diversas transformações. Muitos podem ser reformados conforme necessitam de reparos. E nesse momento que vemos agir de forma mais profundo os valores culturais partilhados pelos familiares que ficaram. Com a reforma, o túmulo perde sua característica físicas, materiais, culturais e simbólicas formadoras. Nesses casos percebemos diversas transformações, adquirindo valores daqueles que decidiram reformar o sepulcro do falecido.

Talvez seja difícil perceber isso em um primeiro momento, pois temos uma falsa impressão de que os valores culturais dos vivos tendem a ser os mesmos que a dos seus familiares que estão sepultados. Contudo, alguns túmulos, vistos mais de perto, (assim como a Certeau menciona sobre as diferentes visões sobre a cidade), são capazes de elucidar os conceitos que trabalhamos até então⁵.

3. Pensando Túmulos Resignificados

Aqui ficaremos restritos a dois casos bem peculiares. São dois sepulcros de famílias nipônicas de Rolândia que podem nos dar uma ideia sobre representação e apropriação. No primeiro túmulo essas ressignificações são mais claras, pois temos fotos dela em dois momentos distintos. A primeira sequência de imagens é do ano de 2017 (Imagens 1 e 2), na qual fazíamos trabalho de campo no cemitério em busca de túmulos budistas, uma das fontes do nosso TCC⁶ (TESSARO, 2019).

Neste primeiro túmulo (Imagens 1 e 2) podemos ver os indícios étnicos de forma bem marcante e expressiva. O indivíduo sepultado no local é Bunkiti Kunimi, falecido em 1968 com 66 anos de idade. Feito em mármore escuro, o sepulcro apresenta características em comum com os demais jazigos budistas do cemitério. Na frente podemos notar a saliência em arco com os ideogramas japoneses representando uma espécie de *ihai* (tableta

memorial)⁷. Na frente, na maioria das vezes, o que temos escrito é o nome póstumo do indivíduo, variando de acordo com a vertente budista que era seguida pelo indivíduo. No verso geralmente estão escritos o ano e local de nascimento e falecimento, seguindo ou não os padrões do calendário imperial japonês⁸.

A saliência fica em cima de uma espécie de altar em formato de pódio. Na imagem com o círculo vermelho (Imagem 2) vemos que o centro desse altar se encontra manchado. Muito provavelmente trata-se de uma fotografia que ao cair deixou as marcas do tempo (sol, chuva, frio, calor, umidade etc.) impregnadas no mármore. Mais abaixo temos um outro tipo de altar, menor e retangular, onde podemos observar uma placa de formato quadrangular com as informações do indivíduo sepultado em caracteres ocidentais. Em volta do túmulo também observamos a presença de 4 pilares com espécies de ganchos ao topo, onde provavelmente tínhamos correntes ou barras de ferro delimitando a área do sepulcro. Essa característica é muito comum entre os túmulos budistas do cemitério e de outros túmulos mais antigos. Podemos deduzir que se trata de um elemento muito utilizado na hora da construção do túmulo antigamente.

Imagem 1

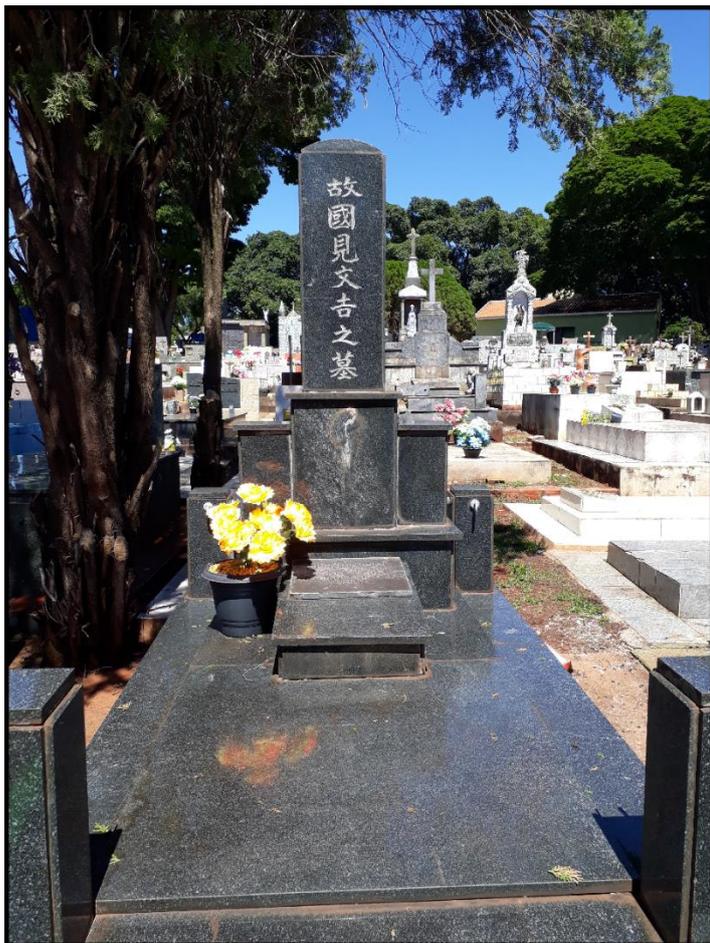


Foto: Tessaro, D. L. **Túmulo Budista no Cemitério de Rolândia.** 2017. 1 fot.: colorida; 928 x 1240 px.

Imagem 2



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe das marcas deixadas por uma fotografia no mármore de um túmulo Budista.** 2017. 1 fot.: colorida; 925 x 1238 px.

As outras imagens do túmulo (Imagens 3 e 4) foram tiradas em janeiro de 2021, cerca de 4 anos depois das mencionadas. Como podemos ver, nenhuma característica física do túmulo foi alterada durante esse curto período, somente uma nova fotografia acompanhada de uma plaquinha com nome e ano de morte do falecido foram adicionadas no altar menor e retangular, logo abaixo da placa com as inscrições antigas. Porém, não podemos dizer o mesmo dos símbolos e valores culturais que se fazem presentes. Um novo elemento pode ser notado no centro do altar que dá

suporte para o *ihai*. No retângulo do centro, bem no local onde provavelmente se tinha uma fotografia, a família do falecido mandou colocar uma cruz banhada em bronze com detalhes de Jesus Cristo crucificado. A Sagrada Família, a Última Ceia, assim como a Cruz são símbolos máximos do Cristianismo. Portanto, a presença de uma cruz significa que o sepultado e seus descendentes já não partilham mais da mesma crença religiosa.

Imagem 3



Foto: Tessaro, D. L. **Túmulo Budista com uma Cruz banhada em bronze no Cemitério de Rolândia.** 2021. 1 fot.: colorida; 735 x 980 px.

Imagem 4



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe da Cruz e da nova fotografia do sepultado.** 2021. 1 fot.: colorida; 735 x 980 px.

Podemos dizer assim que essa cruz colocada ali acaba representando que a crença de seu antepassado, no caso o Budismo, não faz mais sentido

ou não apresenta o mesmo valor cultural que o Cristianismo tem para os descendentes. Ou seja, à medida que os familiares e os descendentes foram se integrando à sociedade brasileira, o universo católico passou a fazer muito mais sentido para a vida dessas pessoas do que o Budismo um dia foi para Bunkiti Kunimi. Devemos lembrar que isso foi muito comum entre os descendentes de japoneses, ao passo que as novas gerações enxerguem o Budismo como uma religião propriamente de seus antepassados, e assim, com o passar das gerações, se identificando cada vez mais com o universo católico (USARSKI, 2016, p. 720-734).

O outro túmulo mencionado por nós, localizado na quadra número 17, apresenta características de apropriação mais claras. É aquilo que podemos chamar de sincretismo religioso, onde o elemento de duas ou mais religiões é apropriado por uma pessoa ou família, que acaba ressignificando-a à sua maneira de pensar e enxergar o mundo religioso. Nas imagens a seguir vemos que se trata de um jazigo aos moldes ocidentais (Imagem 5) com resquícios de culto aos ancestrais. Nele notamos quatro tabuletas memoriais em homenagem aos quatro indivíduos ali sepultados, assim como velas, incensos e uma plataforma de areia para oferendas (Imagem 6). Todos são indícios de culto aos ancestrais próprios da tradição japonesa pelo budismo.

O que nos leva a pensar esse túmulo a partir do conceito de apropriação de Certeau são os diferentes elementos religiosos que encontramos em seu interior. Além dos indícios de culto aos ancestrais, o jazigo também apresenta ícones característicos do cristianismo. Na janelinha central acima das tabuletas de mármore, vemos um São Jorge colorido e feito de vidro (Imagem 7). Abaixo do altar onde estão os objetos de culto colocados pelos familiares, temos a representação da sagrada família feita de bronze, com o menino Jesus ao centro e Maria e José ao seu lado, com uma pomba, símbolo da paz, iluminando sua cabeça (Imagem 8). Os indivíduos ali sepultados provavelmente são um casal com seus dois filhos, todos falecidos na década de 1970. As datas de nascimento respectivamente datam da década de 1920 e final da 1950.

Imagem 5



Foto: Tessaro, D. L. **Túmulo Sincrético no Cemitério de Rolândia.**
2021. 1 fot.: colorida; 735 x 980 px.

Imagem 6



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe dos objetos de túmulo Sincretico no Cemitério de Rolândia.** 2021. 1 fot.: colorida; 980 x 735 px.

Imagem 7



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe do São Jorge de vitral em túmulo Sincrético no Cemitério de Rolândia.** 2021. 1 fot.: colorida; 781 x 643 px

Imagem 8



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe da sagrada Família em túmulo Sincrético no Cemitério de Rolândia.** 2021. 1 fot.: colorida; 784 x 588 px.

Essa mescla de elementos religiosos podem ser explicados por meio de alguns fatores. Por se tratar de uma família de imigrantes e descendentes nipônicos, recorremos aos trabalhos de André (2011) e Shoji (2002). Segundo André, o sincretismo deve ser compreendido por suas lógicas externas e internas. De acordo com ele, uma possível conversão não implicaria necessariamente no abandono da fé anterior, já que a apropriação da religião seria dada por meio da estrutura religiosa da cultura originária. Deste modo, a conversão iria além de uma estratégia externa que visava aceitação da cultura receptora, contendo também uma lógica interna, seja de grupo ou familiar (ANDRÉ, 2011, p. 170).

De acordo com ele, essa lógica seguiria a própria dinâmica das religiões japonesas, muitas das quais se desenvolveram por meio de diversas crenças, o que torna difícil localizar as fronteiras próprias de cada universo religioso. Desta forma, o sincretismo entre Budismo e Cristianismo não seguiria somente a lógica de assimilação ao contexto brasileiro, mas também ao consciente e inconsistente, e, nos dizeres de André, aos próprios "canais de comunicação"

existente entre essas religiões e que influenciaram na vida desses indivíduos que aqui se estabeleceram. Assim, coloca André:

Por isso o sincretismo possui uma lógica intrínseca, não sendo, portanto, caótico. Os nikkeis também perceberam que essas fontes de conexão intercultural ao inserirem os ícones católicos nos oratórios e nos túmulos, na medida em que as entidades cristãs, divinas ou não, passariam a desempenhar a função de proteção, inclusive do bem morrer [...] (ANDRÉ, 2011, p. 172).

Desta forma, o sincretismo pode ser explicado basicamente de duas maneiras. Primeiro pelo caráter de acomodação a sociedade receptora. E segundo, as questões de fé pessoal (ANDRÉ, 2011, p. 173). Os dois casos aqui apresentados parecem seguir a lógica interna, vez que, os símbolos com os quais nos deparamos parecem indicar que o sincretismo religioso é referente a própria fé dos indivíduos. No primeiro caso tem a ver com a fé dos descendentes que cuidam do túmulo. Já o segundo parece estar de acordo com a fé dos que estão ali sepultados e de seus familiares. Entretanto, é no segundo caso que encontramos indícios de culto aos antepassados mais evidentes.

Para Silvia e Soares (2015), o culto aos antepassados se manifestaria em âmbito familiar que teria passado por uma ressignificação e modificação a partir dos novos hábitos e costumes da sociedade receptora. No Japão, ele se manifesta em torno da hierarquia familiar a partir da estruturação dos *ie*, girando em torno da figura patriarcal (SILVIA; SOARES, 2015, p. 175-178).

Segundo os autores, a construção da identidade nipo-brasileira pode ser dividida em dois momentos, o antes e o pós-guerra. Contudo, o principal objetivo deles seria o de identificar as mudanças relacionadas às identidades públicas e privadas desses imigrantes no Brasil. Como apontam, os indivíduos de primeira geração, no caso os imigrantes, tendiam a manter seus traços culturais de origem. Com o passar das gerações esses traços tendiam a ser diferentes em âmbito público e privado (SILVIA; SOARES, 2015, p. 179).

A mescla de elemento budistas e cristãos estão diretamente relacionados à sobrevivência de práticas religiosas ligadas ao budismo étnico, que através da adesão de elementos majoritários, busca meios de sobrevivência entre os

descendentes. Desta forma, podemos compreender o sincretismo religioso como uma múltipla filiação religiosa que desempenharia, de certas maneiras, um papel de integração social. Assim, o simples fato de as manifestações religiosas budistas e do culto aos antepassados se darem em âmbito familiar, os espaços públicos ficaram abertos para manifestações de outras religiões, no caso a cristã. Com isso, podemos compreender que essas diferentes filiações possuíam diferentes papéis, estes relacionados à manutenção da etnicidade e de integração social (SHOJI, 2002, p. 71-76). Assim, de acordo com Shoji:

A presença de vários níveis de identidade pode ser ainda mais clara em sociedades na qual uma convivência religiosa múltipla é algo comum, já que nesses casos uma questão importante é o papel que diferentes religiões tem na vida de um mesmo indivíduo ou grupo. No caso dos imigrantes e descendentes em geral, é possível que diferentes práticas tenham significados para diferentes níveis de pertencimento social, principalmente para as novas gerações, em um padrão que depende da sociedade receptora (SHOJI, 2002, p. 72).

Assim, esse pertencimento múltiplo deve ser utilizado para compreendermos as razões mais plausíveis para o sincretismo e as relações da identidade com suas diversas funções (SHOJI, 2002, p. 73).

Transpondo essa tendência para os nikkeis, se os brasileiros podem ser, por exemplo, católicos e umbandistas, e os japoneses xintoístas e budistas, os nikkeis podem ser, por exemplo, católicos e budistas, ou mesmo espíritas e xintoístas. Por isso, mesmo atualmente não é raro encontrar *butsudan*, o altar budista para os antepassados, em famílias que se "converteram" ao catolicismo. Também não é incomum que figuras católicas sejam colocadas nesses altares domésticos. Se tipicamente muitos japoneses nascem xintoístas e morrem budistas, uma parte dos nikkeis nasce católica mas é sepultada com rituais budistas [...] (SHOJI, 2002, p. 73).

Essas apropriações religiosas do cristianismo estão ligadas com as estruturas que regem a religião de origem desses descendentes, já que o sincretismo religioso remete a lógica das religiões japonesas. No próprio Japão

o budismo como fé estrangeira desenvolveu fortes relações com as práticas culturais japonesas. De acordo com André, essa mescla de práticas possuiriam uma lógica interna diretamente ligadas as questões de adaptação (ANDRÉ, 2011, p. 171).

4. Estratégia e Tática

Tática e estratégia são outros dois conceitos trabalhados por Certeau. Ao longo do texto o autor os descreve como sendo as formas com que os sujeitos se apropriam dos caminhos de uma cidade e ressignificam de maneira a poder usá-los taticamente ou de forma estratégica. Basicamente seria a forma com que um indivíduo da região periférica da cidade usa seus caminhos para chegar ao seu trabalho de forma rápida e sem imprevistos ao centro, local de seu trabalho.

No cemitério de Rolândia um túmulo de descendentes japoneses nos chama muito a atenção. Tanto a estrutura quanto os elementos e objetos que encontramos em seu interior. A princípio nos deparamos com um jazigo budista com indícios de culto aos ancestrais. Dentro dele encontramos em cima de um altar os *Ihais* (tabuletas memoriais) feitos de mármore em homenagem aos falecidos. Temos fixadas na parede a foto de cada indivíduo ali sepultado, juntamente com as datas de nascimento e falecimento em caracteres latinos, bem como uma foto da família reunida. Nesse quesito, o que chama a atenção é do indivíduo mais velho, Sohei Igarashi (1885 – 1947), que em uma delas está com um traje tipicamente japonês, o *kimono*⁹. Essa foto está no canto direito da parede. Podemos ver as oferendas no altar e um local para o incenso. Até aí tudo indica ser um túmulo na qual os indivíduos parecem seguir à risca todos os rituais do budismo nipônico (Imagens 9 e 10).

Imagem 9



Foto: Tessaro, D. L. **Túmulo da Família Igarashi no Cemitério de Rolândia.** 2021. 1 fot.: colorida; 866 x 997 px.

Imagem 10



Foto: Tessaro, D. L. **Interior do Túmulo da Família Igarashi que demonstra os indícios de culto aos ancestrais.** 2021. 1 fot.: colorida; 1306 x 980 px

Olhando mais atentamente ao para o interior do jazigo, nos deparamos com algo muito peculiar. No canto inferior esquerdo, do lado altar, temos duas cruzes ao estilo cristão colocadas à frente dos *sotobas* (Imagem 11). Algo muito estranho para um túmulo com aquelas características. No entanto, essa peculiaridade somente soa estranho para as pessoas que não conhecem a história da imigração japonesa no Brasil, principalmente durante a primeira metade do século XX.

Imagem 11



Foto: Tessaro, D. L. **Detalhe do Sotoba em forma de Cruz.** 2021. 1 fot.: colorida; 5700 x 925 px.

O vínculo da família com o budismo e o culto aos ancestrais é confirmada em duas entrevistas que Tokuzo Igarashi realizou nos últimos anos de sua vida, e por meio do livro publicado por outro filho de Sohei, Toshio Igarashi¹⁰. Em entrevista realizada por Cassia Popolin em 2008, Tokuzo Igarashi (membro mais velho vivo da família na época, hoje sepultado no jazigo), que lhes contou a trajetória de seu pai Sohei, que após passar anos trabalhado nas fazendas de café em São Paulo conseguiu comprar um lote de 15 alqueires na Gleba Bandeirantes em Rolândia, no Norte do Paraná. Na descrição da entrevista podemos perceber a relação dos familiares com a morte e os rituais realizados para o culto aos ancestrais. Esse resgate de suas origens começou com a

morte de Sohei em 1947, que segundo Tokuzo, seu filho, morreu ressentido de não ter conseguido fazer riqueza e regressar para o Japão (POPOLIN; BONI, 2009, p. 959). Esse resgate as tradições religiosas da família foi além de um desejo de perpetuar a presença de Sohei, ela era a certeza que o Brasil tinha se tornado seu novo lar¹¹.

Em outra entrevista, desta vez realizada por Mariana Zironi (2014), sobre as memórias da cidade, Tokuzo Igarashi, relembra seus primeiros anos na cidade que chegou com sua família em 1936, então com 19 anos, onde compraram um sítio na Gleba Bandeirantes¹². O senhor Tokuzo (1917 - 2016), nascido no Japão e falecido a pouco mais de cinco anos é o último indivíduo ali sepultado. Nesta entrevista ele relata suas experiências e sua dedicação diária ao budismo.

Mas então o que explicaria uma cruz em um túmulo budista onde sabemos que os familiares e os descendentes continuam realizando a maioria dos rituais budistas e de culto aos antepassados? Em seu livro, Tomoo Handa (1987), apresenta algumas possíveis explicações para isso. De acordo com ele, os enterros realizados pelos primeiros imigrantes não eram totalmente budistas. Primeiro, devido à falta de *bonzos*, que eram substituídos por pessoas leigas, e, na falta de conhecedores dos sutras, cada um rezava a sua maneira. Segundo, na ausência de incenso colocava-se velas em seu lugar. Já os caixões eram todos em estilo católico, sendo a maioria feita a mão. Esses, nos anos iniciais de colonização eram transportados pela família por meio de caminhões que passavam pegando todos os parentes no caminho. O *sotoba*, tabuletas de madeira onde eram escritos em sânscrito¹³ os sutras, um dos elementos de um funeral budista também foram recriados em terras brasileiras (HANDA, 1987, p. 487). Segundo Handa, no lugar do *sotoba*:

[...] usava-se em seu lugar uma cruz, cristã mesmo, em madeira branca, e nela se escreviam rezas budistas. Às vezes, essas rezas eram dispensadas, mais nunca se deixavam de lado o nome, as datas de nascimento e falecimento e o número de anos que o falecido vivera. [...] Fincava-se, então, a cruz na porção traseira da sepultura, assim como depositava uma coroa de flores à moda brasileira [...] Na parte da frente, acendiam-se velas e

queimava-se incenso e, novamente, entoavam-se rezas budistas (HANDA, 1987, p. 483).

Uma foto tirada por Haruo Ohara pode nos dar uma dimensão clara de como eram realizados esses sepultamentos. Nela podemos ver o detalhe do *sotoba* em forma de cruz com ideogramas japoneses fixada ao chão no local onde um indivíduo foi enterrado. São quatro pessoas na imagem, três em pé e uma agachada chorando. É possível verificar que uma das pessoas (conhecedor dos sutras) está realizando a leitura de um livro, utilizado para orar durante o funeral (Imagem 12).

Imagem 12



Fonte: Haruo Ohara. **No Cemitério**. AZEVEDO; IVANO; LOSNAK, 2008, p. 160.

Com esse túmulo é possível pensarmos os conceitos de tática e estratégia de Certeau, uma vez que a cruz em forma de *sotoba* parece remeter a um sincretismo com fatores externos, ligados a acomodação a sociedade receptora. Isso pode ser explicado pelos ícones que encontramos no interior do túmulo e as entrevistas concedidas por Tokuzo (2008 e 2014) que demonstram que os descendentes ainda possuem fortes vínculos com o Budismo nipônico.

Essa acomodação sincrética pode ser compreendida pela vivência dos imigrantes japoneses aqui no Brasil durante a primeira metade do século XX.

O contexto antinipônico¹⁴ e a ideia de “perigo amarelo”¹⁵ fez com que esses indivíduos desenvolvessem uma série de táticas e estratégias para se integrarem a sociedade brasileira do período. Uma das táticas utilizadas por esses indivíduos foi a apropriação de elementos cristãos como uma forma de manterem viva as suas práticas culturais de origem. Basicamente, essa apropriação pode ser entendida como uma forma de resistência ao cotidiano conturbado vivido por esses imigrantes aqui no Brasil, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de estar presente em uma dimensão doméstico familiar, o contexto antinipônico, fez com que esses imigrantes desenvolvessem outras formas de religiosidade para serem aceitos pela sociedade em questão. Utilizando o conceito de *habitus*¹⁶ de Bourdieu, Roberto DaMatta (1997), demonstra como os imigrantes desenvolvem diferentes tipos de relações na interação com o outro. Se aparamo nessas ideias, Silva e Soares, buscam entender a identificação social dessas primeiras gerações, sobretudo os imigrantes, que desenvolveram dois tipos de identidades, a pública (“rua”) e a privada (“casa”), aqui no Brasil, onde o *habitus familiar* estaria ligado ao relacionamento entre a família e pessoas da comunidade, e o *habitus social* com o comportamento desses indivíduos com o contato com crenças e costumes dos majoritários (DAMATTA, 1997 apud. SILVIA; SOARES, 2015, p. 179-180).

Essa é a mesma ideia defendida por Lesser (2001), onde considera que esses indivíduos não estariam presos a uma única prática cultural, desenvolvendo diversas formas de se relacionarem com o país receptor. Desta forma, a cultura nipônica varia de acordo com a localidade e seus diferentes costumes. Desta maneira, os imigrantes passaram a construir, inventar e modificar seus aspectos identitários de acordo com as circunstâncias ou lugares, como formas de negociarem seu lugar social no Brasil (SILVIA; SOARES, 2015, p. 180). Desta maneira, essas identidades seriam construídas através de traços diacríticos. Muitos costumes de origem são mantidos, outros recriados

de acordo com as gerações seguintes. É o caso aqui dos sincretismos e da cemiterização do culto aos antepassados.

5. Conclusão

Ao longo desse artigo tivemos a oportunidade de pensar sobre novos conceitos metodológicos a respeito da cultura material presente nos cemitérios, indo além daqueles que são costumeiramente utilizados. Aqui ficamos circunscritos aos conceitos de representação e apropriação descritos por Michel de Certeau. Por uma questão de tempo, não pudemos ir além e tratarmos sobre os conceitos de tática e estratégia que também podem ser utilizados para pensarmos as transformações sociais, culturais e religiosas de uma sociedade e que podem ser expressas por meio dos objetos e símbolos que encontramos nos cemitérios. Talvez tratemos desses conceitos em um próximo artigo.

Nesta discussão, para elucidarmos os conceitos de representação e apropriação, acabamos recorrendo a dois túmulos de descendentes nipônicos. Com fortes traços étnicos, eles foram utilizados como uma forma de enxergarmos os conceitos de Certeau mais facilmente. Isso é possível devido as grandes diferenças culturais entre japoneses e seus descendentes com a cultura brasileira. Essas diferenças são mais claras quando pegamos túmulos de imigrantes e descendentes de primeira geração, que tendiam em manter suas práticas e costumes provenientes do Japão. Nos casos que pegamos são claros quanto a essas diferenças. No primeiro caso temos um túmulo com características étnicas bem visíveis, principalmente quanto ao vínculo do indivíduo sepultado com o Budismo. O segundo caso estamos diante de um jazigo com características peculiares, misturando elementos cristãos com elementos budistas e de culto aos ancestrais como bem descrevemos.

Nos dois casos podemos levantar a hipótese de que em algum momento passaram a representar algo a mais do que eram inicialmente. O primeiro é mais nítido quanto a isso, principalmente quando analisamos as imagens da sepultura em 2017 e em 2021. Durante esse lapso temporal vemos que uma cruz foi adicionada ao túmulo, indicando uma possível conversão dos

descendentes ao catolicismo. Isso indica que os familiares se apropriaram da religião cristã, o qual estão mais familiarizados do que com a religião partilhada por seus ancestrais. No segundo já podemos pensar que os indivíduos ali sepultados já partilhavam das duas crenças, como mencionado por Shoji (2002), algo passado para os familiares. Isso pode ser explicado pelos indícios encontrados. A identificação com o catolicismo é gigantesca, visto os símbolos que notamos. Contudo, os traços que remetem ao budismo e ao culto aos ancestrais também são fortes e indicam que os familiares ainda se identificam com elas ou as compreendem como religião de seus parentes, e que são mantidas como formas de lembrar do ente que já se foi.

No terceiro caso apresentado trabalhamos os conceitos de tática e estratégia, utilizado como aparato o túmulo da família Igarashi. Nele vimos que a cruz pode significar algo além de uma identificação com a fé cristã. Ela pode ser compreendida como uma forma de integração a sociedade receptora, sobretudo diante do contexto vivido pela colônia japonesa no Brasil até o término da Segunda Guerra Mundial. Essa nossa hipótese é corroborada pelos diversos elementos que encontramos no jazigo da família que nos remetem ao budismo e ao culto aos antepassados, e como eles ainda são seguidos pelos familiares. Outra delas é as entrevistas que Tokuzo Igarashi realizou em vida, nas quais contou a trajetória de vida de sua família e os vínculos que sempre manteve com o budismo.

Dito isso vemos que os conceitos de Michel de Certeau são aplicáveis na análise da cultura material presente no cemitério. Isso pode ser explicado porque o cemitério é uma extensão da sociedade-cidade que o compõe. A explicação ficou restrita a túmulos de descendentes nipônicos devido aos fortes traços étnicos, onde qualquer mudança seria facilmente verificada. Porém, os conceitos aqui trabalhados são perceptíveis no caso de túmulos de judeus alemães refugiados do nazismo, no qual Soares (2012) identificou diversos túmulos com traços judaicos e católicos ao mesmo tempo, o que indicaria possíveis apropriações dos judeus refugiados ao repertório católico.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1932 – 1950). Tese (Doutorado em História e sociedade) – Universidade Estadual Paulista, Assis. 2011. 250f.

AZEVEDO, Orlando; IVANO, Rogério; LOSNAK, Marcos. **Haruo Ohara**. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. E Agora São José? Reflexões sobre o gerenciamento do acervo tumular da comunidade São José em Porto Alegre – RS. In: **22 Encontro Nacional da ANPAP – Ecossistemas Estéticos**. Belém: Pará, 10 a 15 de out, 2013. p. 1835-1848.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A Queiroz: Centro de estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

IGARASHI, Toshio. **História da imigração japonesa no Paraná**. Londrina: Edição do autor, 2005.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Memória e Cultura material: Documentos Pessoais no Espaço Público. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

PEREIRA, Bruno Ribeiro da Silva; MACHINI, Mariana Luiza Fiocco. A invenção do cotidiano. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2016. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/obra/invenção-do-cotidiano>. Acessado em: 28 abr. 2021.

PREFEITURA DE ROLÂNDIA. **Cemitério informa sobre túmulos abandonados**. 10 de fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.rolandia.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4689:cemiterio-informa-sobre-tumulos-abandonados-&catid=1:ultimas-noticias. Acessado em: 26 abr. 2021.

POPOLIN, Cássia Maria; BONI, Paulo César. Retratos de Família: representações simbólicas da morte na cultura japonesa. In: **Anais do 8º**

Congresso LUSOCOM. Abril de 2009. Disponível em:
file:///C:/Users/Dani/Downloads/silo.tips_retratos-de-familia-representacoes-simbolicas-da-morte-na-cultura-japonesa-18.pdf. Acessado em: 13 dez. 2021.

REDE, Marcelo. História e Cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro Elsevier, 2012. p. 133-150.

SALA, Gabriela Cubaski. **Identidade germânica no Heimtal:** a cultura material do cemitério local (1931-2019). 103 páginas. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2019.

SHOJI, Rafael. O Budismo étnico na religiosidade nikkey no Brasil: aspectos históricos e formas de sobrevivência social. **Revista de estudos da religião.** PUC-SP, v. 2, n. 4, p. 47-80, 2002.

SILVA, Alexandra Begueristain da; SOARES, André Luis Ramos. Imigrantes Japoneses e o culto aos antepassados: relação de dívida e gratidão com os antecessores. **Métis: história & cultura**, v. 14, n. 28, p. 173-195, 2015.

SOARES, Marco Antônio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos:** identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003). Londrina: EDUEL, 2012.

USARSKI, Frank. O budismo de imigrante japonês no âmbito do budismo brasileiro. **Revista Horizonte.** PUC-Minas. Belo Horizonte. v. 14, n. 43, p. 717-139, 2016.

WANGCHUCK, Jigme. **Lembrando dos mortos. Sobre Budismo:** sabedoria budista para o cotidiano, 2014. Disponível em:
<http://sobrebudismo.com.br/lembrandoosmortos-hakushin/>. Acessado em: 1 jun. 2021.

ZIRONDI, Mariana. Memórias. **Revista Institucional da Prefeitura de Rolândia.** Ed. 71 anos de Rolândia, p. 59-66, 2014.¹⁷

NOTAS

1. Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (PPGHS-UEL); Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); Graduado em Direito pela Faculdade Paranaense (FACCAR). E-mail: longhi_danilo.t@outlook.com
2. Como solução para esse empasse a autora propõe alguns métodos para que todo esse material e esse espaço não seja perdido por completo. Para isso ela propõe a realização de um inventário tumular dos cemitérios da comunidade. A partir do ato de fotografar esse material e do preenchimento de fichas de catalogação. A autora desenvolve um método que consiste em três fases: A primeira está relacionada com o conhecimento da comunidade; a segunda com o mapeamento dos cemitérios; já a terceira com a divulgação desse acervo como uma forma de preservação da memória da cidade e da população étnica que a compõe (CARVALHO, 2013, p. 1843-1845).
3. Leis municipais nº 870/01 (artigo 19) e Lei nº 2399/94.

4. Marcelo Rede (2012) e Ulpiano de Bezerra Menezes (1998) são os autores mais rotineiramente utilizados pelos historiadores que se dedicam ao estudo dos cemitérios. Eles são usados para pensar a história das sepulturas e as alterações físicas e humanas que essas podem sofrer com o tempo.
5. Os conceitos de Tática e Estratégia serão abordados mais adiante.
6. O objetivo da pesquisa era o de demonstrar a presença da comunidade nipônica na formação social e cultural da cidade de Rolândia. Como fontes de análise utilizamos os túmulos de famílias japonesas que encontramos no cemitério municipal da cidade. A finalidade era compreender o por que a comunidade não reivindica o seu espaço nas questões culturais e históricas do município.
7. Os *Ihai* são tabuletas memoriais nas quais estão escritos o nome, a data de nascimento e falecimento, sua idade, e principalmente o nome póstumo: o *Hômyô* ou nome *Búdico*, que simboliza que a pessoa falecida alcançou a iluminação e se tornou exemplo para os vivos. Porém, os inscritos dependem da vertente budista que o morto seguia (WANGCHUCK, 2014).
8. Geralmente os casos que seguem o padrão do calendário imperial são os dos imigrantes, que ainda partilhavam do desejo de fazer fortuna e voltar para o Japão. Quando isso se tornou inviável, muitos decidiram recrear aqui no Brasil o ambiente que viviam no Japão antes de emigrarem (USARSKI, 2016, p. 718-720).
9. As duas últimas fotos da esquerda para a direita são de Sohei Igarashi em momentos diferentes de sua vida. A primeira é dele mais jovem e a segunda, com o quimono, é ele já no final dos seus 62 anos de vida (POPOLIN; BONI, 2009, p. 963).
10. Toshio Igarashi (2005) é autor do livro *História da Imigração Japonesa no Paraná*.
11. A jornada da família Igarashi no Brasil é contada por Cássia Popolin e Paulo César Boni (2009) em um artigo apresentado ao 8º Congresso Lusocom, realizado em Lisboa, Portugal. Nele os autores buscam compreender a relação com a morte dos descendentes japoneses por meio do estudo das fotografias da família Igarashi.
12. A entrevista encontra-se publicada na revista sobre os 71 anos de Rolândia na seção sobre as etnias e suas memórias. Existem vários exemplares na biblioteca municipal da cidade. A referência está na Bibliografia.
13. Língua ancestral do Nepal e da Índia. Tem grande importância cultural já que é utilizada em liturgias Budistas e Hinduístas, sendo utilizada em cerimoniais na forma de mantras e hinos. E também a língua da Yoga.
14. Período que vai desde a década de 1920 até alguns anos depois da Segunda Guerra Mundial. Esses foram os anos mais conturbados para imigrantes e descendentes que buscavam um espaço maior na nação brasileira. Durante este período, esses indivíduos que tinham um papel ativo na construção de uma identidade nipo-brasileira específica, enfrentaram diversas dificuldades impostas por aqueles que a contestavam (LESSER, 2001, p. 211).
15. A ideia de "perigo amarelo" está ligada com a ciência eugenista do século XIX e início do XX. Isso fazia parte de um discurso racista e militarista com relação ao imigrante japonês, que além de ser considerado inferior moral e culturalmente falando, era constantemente associado a um espião e considerado uma ameaça ao bem do Brasil e não apenas um concorrente do trabalhador nacional (ANDRÉ, 2011, p. 73-74).
16. O conceito de *Habitus* foi elaborado por Bourdieu como um instrumento auxiliar que facilitasse entender e a pensar a relação do sujeito com o mundo social. Desta forma, ele auxilia na identificação de características identitárias que o homem desenvolve ora de maneira consciente ora inconsciente (BOURDIEU, 2001)
17. Trata-se de uma revista confeccionada em comemoração aos 71 anos da cidade de Rolândia. Encontra-se somente na Biblioteca municipal.